

ave p/

Decisão concentrada

1 DEZ 1987

JORNAL DO BRASIL

Villas-Bôas Corrêa

Mais dia, menos dia, seria inevitável a adoção de medidas sérias de policiamento preventivo para disciplinar a participação emocionada do povo nos debates e votações decisivas da Constituinte. Os incidentes, repetidos em ampliação baço-meira, quando da aprovação de reformas do regimento interno comandadas pela maioria do "centrão", bisaram velhas lições nunca aprendidas.

É claro que nem a Constituinte deve calar a manifestação popular desejável para imprimir legitimidade ao futuro, nem pode assistir na impassibilidade alébrica da paralisia demagógica, que as galerias e os amplos espaços nobres do projeto de deslumbrante beleza, mas de funcionalidade discutível de Oscar Niemeyer, se transformem num ringue para o confronto entre as duas bandas em que se divide a sociedade.

Porque é de uma cristalina evidência que o "centrão", pelas suas bases de sustentação conservadora, não cruzará os braços diante de uma presença dominadora de grupos representativos das organizações de ponta, em crescente agressividade, espiçada pelo erro tático de prometer mais para depois recuar e conceder menos.

O que aconteceu foi um erro de previsão que alertou o lado de cá. Se a mesa da Constituinte, afinal desperta do seu sono escapista, não adotar medidas rígidas, a Constituinte se transformará, já e já, em batalha campal.

Uma das bandas da polarização radicalizante pode até pilhar o adversário numa surtida de surpresa. Mas, como ainda há muito tempo e o melhor nem começou, o inimigo convoca as suas tropas e espera a hora do revide.

Incrível como todos os setores responsáveis custaram a identificar o que estava à vista, em marcha batida e no rumo certo. Esta é uma Constituinte diferente de todas as outras. É a Constituinte que terá como a sua marca diferenciadora uma efetiva participação da sociedade. Talvez e provavelmente frustrante. Tudo se armou para montar um enredo de dramática decepção popular. Desde a omissão calculista do PMDB até a perversidade de um regimento interno que convocou o povo a formular as suas reivindicações, a sustentá-las, a formalizá-las em emendas populares para depois atirar quase tudo no lixo, como papéis imprestáveis.

O PMDB, com o peso da sua maioria e a responsabilidade de legenda da transição, não se equipou para peneirar as propostas do povo e defender as que merecessem a aprovação da legenda.

São águas passadas e que podem afogar a legenda omissa do dr. Ulysses no primeiro acerto de contas de urnas. Não é por outra razão que o PMDB não quer nada com eleições presidenciais diretas ano que vem.

O povo está freqüentando o Congresso desde a instalação da Constituinte. Nunca se viu nada igual no passado. A qualquer momento, nos corredores e salões do latifúndio parlamentar, esbarra-se com as mais diversas comissões, de todos os tamanhos, defendendo pretesões, protestando, reclamando, brigando. Participando.

Muitos equívocos espalharam a multidão. Ela não chegou a juntar-se nas fases preliminares, longas, tediosas e complicadas, da elaboração do anteprojeto. Dispensou-se nas subcomissões e comissões, foi para a rua juntar assinaturas para as emendas populares, perdeu-se nos debates enganosos e quase se desmobiliza com os estranhos acertos e inesperadas concessões da Comissão de Sistematização.

Está de novo alerta. E com raiva. Uma vez mais, sente que foi enganada e está acumulando ressentimentos com os discursos de desatinada violência das suas lideranças. Sente, sabe que a hora da decisão se aproxima. E que nela terá que jogar tudo.

A Constituinte escorrega para a fase decisiva em época de tradicional distração da sociedade. Logo depois das festas de fim de ano, com a aproximação do carnaval, na soalheira do verão que enche as praias nas férias escolares.

Não importa. Vamos assistir a espetáculos fantásticos. Nenhuma decisão realmente polêmica, envolvendo uma reivindicação popular, passará em brancas nuvens, em votação quase despercebida, no oco das madrugadas ou na preguiça das manhãs.

O risco confuso, com idas e vindas, curvas e desvios, que a Constituinte vem trilhando está dando o resultado, perigoso de concentrar todas as decisões para um período curto, dois meses, talvez três.

É que a Constituinte não vem sendo erguida seguindo um planejamento lógico, com o aperfeiçoamento progressivo, com retoques e pequenas alterações de uma proposta escorada em maioria partidariamente organizada. Ao contrário, está sendo levada aos arranques, aos trancos. O que se aprova hoje é renegado amanhã. Mudou de mãos, de donos. Parecia francamente controlada pela bancada vitoriosa do PMDB. Repudiada pelo partido, buscou fórmulas de convivência entre contrários, na alternativa do palco menor da Comissão de Sistematização. Atrasado, o "centrão" chegou para empalmar o plenário e mudar o fundamental, a principiar pelas regras já aprovadas.

Zonzo, aturdido, o povo apenas percebe que nada está resolvido e que a hora final se aproxima. Ora, ele vem conduzindo o processo desde a mobilização das ruas, as emoções das diretas, a ilusão do cruzado. Nada sugere que se desligue, fique em casa ruminando os seus desencantos. A Constituinte deve estar preparada para lidar com multidões. A negociar na procura de fórmulas de concenso. Para que a Constituição seja de todos.